
Martino e Rüdiger: Epistemologia, Comunicação e Trajetórias¹

Júlio César Rocha CONCEIÇÃO²
Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

RESUMO

Aspiramos dilatar os debates sobre o objeto da comunicação através daqueles que lançam mão da epistemologia. Para isso, perpetramos um diálogo entre Francisco Rüdiger e Luiz Cláudio Martino, apreendendo suas trajetórias acadêmicas, influências teóricas e linhas de pesquisa. Observamos a presença de uma intensa disputa no cerne de suas escrituras, ambicionamos exteriorizar essas argumentações e contra-argumentações textuais para o centro de um interstício discursivo. Desse modo, relacionamos os preceitos dos pesquisadores, aqui evidentes, aos pressupostos de Thomas Kuhn, com foco no conceito de *paradigma*. Ansiamos por novos saberes que arranjados em método investigativo poderão proporcionar a oportunidade de progredirmos na arena epistemológica da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: epistemologia da comunicação; paradigma; trajetórias; Martino; Rüdiger.

INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa se encontra em torno dos debates hodiernos sobre o objeto comunicacional, temos a intenção de alargar essas discussões por meio daqueles que lançam mão da epistemologia da comunicação. Para isso, perpetramos um diálogo entre Francisco Rüdiger e Luiz Cláudio Martino, apreendendo suas trajetórias acadêmicas, influências teóricas e linhas de pesquisa. A opção por estes autores se justifica por suas presenças investigativas no campo da comunicação desde o início dos anos 1990, como também por integrarem os principais grupos de pesquisa e atuarem nos basilares eventos da área. Essa escolha se reforça em virtude das aventuras entusiasmadas entre os pesquisadores manifestos. Pretendemos externar essas argumentações e contra-argumentações textuais para o núcleo de uma fissura discursiva capaz de apreender aquilo que é caro para os estudos sobre a epistemologia da comunicação.

O trabalho está dividido em quatro momentos, no primeiro e segundo, denominados *Trajetória e pensamento de Francisco Rüdiger* e *Trajetória e pensamento*

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação. XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e-mail: julio.rocha@estudante.ufjf.br Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), e-mail: julio.conceicao@uemg.br

de Luiz Cláudio Martino, apresentamos os percursos acadêmicos dos autores, suas linhas de pesquisa e formações intelectuais. No terceiro momento *Um debate sobre a epistemologia da comunicação*, constituímos uma discussão temática sobre a epistemologia da comunicação, por um lado, considera-se a área como interdisciplinar, e por outro, a emancipação é vista como uma possibilidade, perspectivas distintas, paradigmas divergentes, assim, exibiremos alegações e julgamentos de Luiz C. Martino e Francisco Rüdiger. Na quarta parte *Paradigmas: qual é o objeto da comunicação*, miramos um entrelaçamento conceitual incluindo os preceitos dos pesquisadores aos pressupostos de Thomas Kuhn, com enfoque no conceito *paradigma*, abordado em sua obra *A estrutura das revoluções científicas*.

Esse embasamento estrutural se dá como quebra-cabeça, suas partes, se reunidas nessa perspectiva tática, metodológica, teórica e analítica poderão indicar novos caminhos a serem percorridos e não somente se prender naquilo que de certo modo seja considerado arbitrário. Desse modo, aspiramos por novos conhecimentos que organizados em processo investigativo poderão proporcionar a oportunidade de avançarmos no campo epistemológico da comunicação.

TRAJETÓRIA E PENSAMENTO DE FRANCISCO RÜDIGER

A formação acadêmica e intelectual de Francisco Rüdiger é em história e filosofia. Seus interesses de estudo pertencem ao campo da cultura e comunicação, segundo o pesquisador³ (2015) são dois eixos que podem ser diferenciados, primeiro aquilo que tratamos como objeto de estudos e pesquisas e, em segundo lugar, a perspectiva e a linha de abordagem com a qual desenvolvemos o trabalho.

No final dos anos 1970, no Rio Grande do Sul, Rüdiger ainda na graduação, começou a frequentar disciplinas da filosofia e depois ingressou no curso de História, foi nessas áreas que desenvolveu seus meios de estudo. No início dos anos 1980, as respostas que o marxismo parecia oferecer e a centralidade que nele tem a filosofia e a história chamou sua atenção. Assim o autor descobriu a tradição crítica proveniente do marxismo, depois conheceria uma corrente de pensamento influente no cenário intelectual dos tempos modernos e incidiria a cogitá-la. Embora fosse a partir dessas

³ IBERCOM 2015 - II Seminário Nacional de Epistemologia de Comunicação. Fizemos a transcrição da apresentação do Prof. Dr. Francisco Rüdiger (PUC-RGS). Disponível em: <https://iptv.usp.br/portal/video.action?idItem=27610>
Acesso em: 28/06/2021.

matrizes que começou a enxergar o mundo, também havia de sua parte o interesse em examinar os temas da contemporaneidade que o haviam movido para o curso de jornalismo. Desse contexto surgiu essa conexão que o levou a curiosidade sobre assuntos de atualidade, em especial, aqueles sobre comunicação e cultura, uma investida que se fundamenta na história e na filosofia caracterizando um contorno presente em seus trabalhos como a reflexão crítica sobre conceitos e teorias, considerando a conjuntura histórica concreta, as circunstâncias políticas e sociológicas delineando, conectando e materializando o mundo das ideias.

Rüdiger contava no início dos anos 1980, de um lado, com os artífices franceses Roland Barthes, Edgar Morin e Jean Baudrillard com os quais dedicou seus estudos. Ele queria tratar os assuntos da área de um modo que pudesse repercutir diretamente em si mesmo, que não consistissem apenas no exercício acadêmico, pois, essas leituras pecavam por um formalismo abstrato, conteúdo muito empírico, como os trabalhos que tinha à sua disposição de procedência norte-americana. Por outro lado, havia os alemães, em especial, os da Escola de Frankfurt, autores que chamaram sua atenção e passaram a acompanhá-lo, Habermas, Adorno e Marcuse. Dos franceses, apesar do brilho estilístico dos textos que eles proporcionavam, acabou se afastando.

Sua dissertação de mestrado foi no campo de filosofia, para isso, trabalhou com as pressuposições de Foucault e consistia num estudo do conceito de história do mesmo autor. Trabalhando com história, comunicação e filosofia percebeu que era necessário delimitar seus estudos de forma que o permitisse maior concentração. Por volta de 1990, se fixou na área de comunicação e passou a dedicar mais atenção aos seus temas. No doutorado finalizado no programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, sua principal influência já não era mais o marxismo, se inspirava, sobretudo, em Max Weber e Michel Foucault, e foi com eles que desenvolveu a tese sobre literatura de autoajuda, concluída em 1995. Depois disso, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, retornou aos estudos sobre a Escola de Frankfurt centrando, especialmente, na crítica da indústria cultural proposta por Adorno. Voltou-se, a partir dos anos 2000, para a relação entre cultura e novas tecnologias de comunicação. Surgem daí seus estudos sobre as teorias da cibercultura, arqueologia da mídia e conexões entre novas tecnologias e filosofia.

Rüdiger (2015) expõe que sua formação em história foi assaz importante para a discussão da epistemologia da comunicação, porque foi nesse campo que assimilou a

necessidade de se ter disciplina e de aprender a pesquisar documentalmente. Segundo o artífice é a partir dos modelos da investigação histórica que podemos pensá-la como uma das vias de acesso ao tema da pesquisa em comunicação, a história das teorias da comunicação, do pensamento comunicacional, mas também na maneira como essas ideias se conectam nos seus respectivos contextos.

TRAJETÓRIA E PENSAMENTO DE LUIZ CLAUDIO MARTINO

Martino possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde também, cursou mestrado em Comunicação em 1992, Muniz Sodré foi seu orientador. Em 1990 fez doutorado em Sociologia na *Université Paris Descartes*, conduzido por Michel Maffesoli. Na Universidade de Brasília⁴ ministrou disciplinas direcionadas para teoria e pesquisa em comunicação e relações entre mídia e sociedade. O autor tem como principais temáticas a epistemologia da comunicação e as mídias.

O investigador⁵ (2015) entendeu que a psicologia não era o seu campo particular e seguiu estudando filosofia, Nietzsche nesse período, foi o autor que mais o influenciara e permitira uma aproximação com a comunicação pelos elementos colocados por esse articulista, particularmente a sua compreensão sobre a consciência humana. No entanto, é a trajetória intelectual formada na Filosofia e na Psicologia que marca sua abordagem da comunicação. Estes estudos deram a ele a compreensão da teoria geral do conhecimento e a base para os conceitos de processo e meio de comunicação. De acordo com Martino (2015) para o pensador alemão a consciência é alguma coisa que se forma na relação, e isso é o que vai particularizar a sua compreensão do homem como “reatividade”. Essa reatividade é onde se funda toda a base de consciência humana, história, sociedade, comunicação. Nietzsche posiciona a consciência como uma rede de comunicação. O pensamento de Martino segue a partir dessa questão e sua preocupação é definir, explorar e desenvolver conceitos que possam relacionar essas tecnologias com a comunicação e ultrapassar esse estado de naturalização das mídias.

⁴ Disponível em: <https://gtepistemologiacom.wordpress.com/recolocar-a-recepcao/luiz-claudio-martino/> Acesso em: 30/06/2021.

⁵ IBERCOM 2015 - II Seminário Nacional de Epistemologia de Comunicação. Fizemos a transcrição da apresentação do Prof. Dr. Luiz Claudio Martino (UNB). Disponível em: <https://iptv.usp.br/portal/VMSResources/videos/images/video.action;jsessionid=5DF154F7F75A5E57721B5D27%20FF7B6E8C?idItem=27614> Acesso em: 28/06/2021.

Segundo o pesquisador, meio de comunicação não é simplesmente aquilo que serve para comunicar, mas é todo um ambiente que ultrapassa o próprio ato onde se exerce a comunicação, “continuo leitor quando saio da biblioteca, ou seja, usamos os meios de comunicação mesmo quando não usamos os meios de comunicação” (MARTINO, 2015, s.p.). Além disso, percebe (2016, p.159) que o sistema tecnológico de comunicação é inseparável de uma epistemologia, visto que o primeiro produz sentidos e valores que cruzam e alcançam vários âmbitos da contemporaneidade, como as condições produtoras de conhecimento. No plano epistemológico o investigador (2016, p. 165) desenvolve o seguinte programa de estudo: análise da insuficiência das principais tradições de pesquisa em relação à abordagem dos meios de comunicação; *Communication Research* tende para a pesquisa da audiência; Escola de Frankfurt para a investigação da ideologia; proposição de uma definição genérica: meio de comunicação como objeto técnico, cujo produto (comunicação) é a expressão social da experiência.

Martino (2016, p. 167) afirma que as capacidades mentais são estendidas pelos meios conferindo-lhes qualidades, por exemplo: possibilitar a participação de inúmeros indivíduos no mesmo processo ou comunicação fazendo com que condições de espaço e tempo alcancem a mente humana. O autor enxerga um meio de comunicação como simulação da mente onde isoladamente cada meio de comunicação é correspondente de certa aderência entre a mente humana e o dispositivo técnico, simulando a função mental. Em conformidade com o pesquisador (2016, p. 168–169) os processos de comunicação tecnológica emergem como matriz social, tendo por base o desejo, a participação ativa e o engajamento na atualidade midiática que é uma forma inédita de conhecimento, uma visibilidade da coletividade disponível aos agentes sociais interferindo no conhecimento científico-filosófico, se tornando um obstáculo epistemológico à sua própria compreensão e estudo.

UM DEBATE SOBRE A EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

Após a apreensão das trajetórias acadêmicas, influências teóricas e linhas de pesquisa de Francisco Rüdiger e Luiz C. Martino, concernente a estas observações, ansiamos, neste momento, exteriorizar estas argumentações e contra-argumentações textuais absorvidas para o centro de um interstício discursivo. Aspiramos dilatar as

discussões sobre o objeto da comunicação através daqueles que lançam mão da epistemologia, em nosso caso, dos articulistas aqui em destaque.

Reflete no pensamento de Rüdiger (2016), especialmente, nesse movimento que nos últimos anos tem sido chamado de discussão epistemológica da comunicação, um debate, que pressupõe o lugar de onde falamos da epistemologia que seria, segundo o autor, uma “metaepistemologia”, a falta de esclarecimento a respeito dela é gerador de vários impasses e obstáculos que se encontram para projetar o tema à frente. Segundo o pesquisador (2016, p. 25–26) a vertente em pesquisa científico-administrativa⁶ era dominante e estava se organizando como indústria, e hoje despeja seus produtos em massa através de publicações acadêmicas de pouca relevância. Já a vertente em pesquisa crítico-reflexiva⁷ tinha a pretensão de manter os canais de comunicação abertos com os movimentos sociais, mas hoje se recusa com destino semelhante, não conseguindo mais tensionar o contexto em que se encontra aprisionado.

Em relação às análises e propostas de Martino, Rüdiger (2016) afirma que são muito dispersas, sinalizam pouco alcance de seu projeto epistemológico pelo formato corriqueiro adotado, no qual exerce a função de porta-voz da área, em sentido administrativo (pesquisa científico-administrativa), Rüdiger conclui que o objeto da ciência de Martino seria constituído pelos meios de comunicação modernos: rádio, televisão e internet, por exemplo, mais os discursos e representações que agenciam o que se tem chamado de processo de midiatização da sociedade (RÜDIGER, 2018, p. 9). Em contraposição aos trabalhos de Martino, Rüdiger (2016, p. 25–26) situa seu trajeto acadêmico na “pesquisa crítico-reflexiva em comunicação”, na qual procura questionar as conexões do conhecimento comunicacional contra os sistemas de poder do campo social hodierno com a reflexão crítica, moral e política daquilo que a comunicação representa na cotidianidade.

Martino analisa, no plano da epistemologia (SAAD *et al*, 2016, p. 16), a insuficiência da teoria Funcionalista e da Escola de Frankfurt e ainda, critica aqueles que fazem da interdisciplinaridade um eixo de definição para o campo da comunicação. Para Rüdiger a contribuição norte-americana é limitada em relação ao seu entendimento sobre o termo “comunicação”, sendo assim, o articulista (2016, p. 27) diz que nunca a

⁶ Ver: Francisco Rüdiger (1995) e Mauro Wolf (1995).

⁷ Idem.

considerou como viés analítico pertinente para entender os fenômenos midiáticos e muito menos a assumiu como objeto de ciência.

Rüdiger (2016, p. 28) afirma que as fórmulas metodológicas e discussões abstratas a esse respeito podem ser consideradas perdas de tempo, isso não se constitui no ofício que compreende a pesquisa relevante. O pesquisador (2016, p. 29) relata que a oposição habitual entre o trabalho ensaístico, mais livre e polêmico, em relação ao trabalho da pesquisa, mais metódico e objetivo, não se faz necessário proteger suas diferenças, mas sim a defesa da responsabilidade e rigor pertinentes àquilo que se considera um bom relato de estudo em contraposição ao considerado um relato ruim. Em defesa de seu projeto, Rüdiger (2016, p. 30) coloca em questão a radicalidade de Adorno sobre o termo “comunicação” que necessita de credenciais para lhe dar legitimidade epistemológica, sendo assim, deveria ser trabalhado como categoria ideológica, o que obscurece a falta de autonomia do sujeito no desenvolvimento da “indústria cultural”. Martino (2016, p. 171), em oposição à Rüdiger articula que a concepção marxista de interdisciplinaridade reduz as realidades empíricas em manifestações do poder, dominação, como realidade última atrás das aparências. A posição pós-modernista segue na direção inversa, fragmenta a realidade, multiplica as aparências. Segundo o artífice, não haveria realidade última nem possibilidade de sistematizar o conhecimento, e que ocorreu uma convergência entre as demandas sociais e os interesses acadêmicos em termos capitalistas e sistêmicos. Rüdiger questiona a proposição de Martino:

Houve o surgimento de um campo acadêmico que, tocado pelas circunstâncias, não para de se expandir e estimular a multiplicação de associações científicas, formando massas de profissionais e estudiosos da comunicação cujos trabalhos, polêmicos no mercado e na sociedade, revelam-se extremamente pobres, senão duvidosos inclusive no âmbito universitário (RÜDIGER, 2016, p. 31).

Rüdiger afirma que Martino parece não observar o que foi e está sendo feito efetivamente no campo comunicacional, que ele teoriza sobre o que o campo deveria ser, aproveitando a teoria sem praticá-la, não existindo a *práxis*: “a epistemologia nos é apresentada como “reflexão sobre a teoria”, em vez de estudo crítico e analítico da investigação efetivamente realizada” (RÜDIGER, 2018, p.14). Em oportuna advocacia, Martino (2015) argumenta ter perpetrado um levantamento sobre o que é considerado teoria da comunicação, desse modo, percebeu que não havia critérios para apontar o que era e concluiu que uma “pseudodiversidade” parece ter ocupado o pensamento dos

epistemólogos na atualidade, pseudo porque não há crítica e se apresenta como fato irreduzível. Para o pesquisador uma crítica à interdisciplinaridade seria capaz de liberar uma epistemologia da comunicação. Para Rüdiger (2018), Martino parece se comportar como um filósofo, buscando a exposição dos fundamentos epistemológicos da disciplina que hipoteticamente daria conta da questão. O autor justifica que a obra de Martino explícita muito pouco sobre a atividade concreta do que a comunicologia já teria revelado sobre pesquisas da área realizadas. Sobre pesquisa empírica, Martino cita que fez um trabalho no qual critica pressupostos de algumas correntes de comunicação, ele aponta que a Escola de Frankfurt, por exemplo, reduz praticamente a realidade ao poder e dominação, os Estudos Culturais não estão muito longe disso porque passa por outras vias, os estudos norte-americanos, ainda que seja muito diversa essa vertente, a redução ao comportamento é predominante.

Interdisciplinaridade é a própria comunicação, elas são apenas sinônimos. Tal constatação afetava diretamente o que vinha sendo discutido sobre epistemologia da Comunicação. Ficava evidente a fraqueza da argumentação dos céticos e da defesa da interdisciplinaridade, já que ambas se apoiavam numa concepção de “pseudodiversidade”. De outro lado, mesmo sem concordarem em nada, as tradições de pesquisa do campo da comunicação reivindicam a interdisciplinaridade (Escola de Frankfurt, *Communication Research*, Estudos Culturais, Escola de Toronto...). Novamente, sem um exame crítico dessa convergência, nossa área tende a tomar a interdisciplinaridade como um “fato”, como se fosse algo perfeitamente óbvio e evidente (MARTINO, 2016, p. 171).

Segundo Rüdiger (2018) não há nenhuma análise de pesquisa de fato praticada na obra de Martino e utilizada por sua respectiva comunidade. Porém, Martino (2004) considera definir arbitrariamente a identidade do campo comunicacional, mas, para Rüdiger (2018) a identidade forma-se concretamente na *práxis*, de modo variável, plural e contraditório, significando que a história também serve de argumento, ao se analisar o perfil inerente à área com o que, no entanto, discorda Martino (RÜDIGER, 2018, p.5).

Concluimos este tópico conferindo que a postura de Rüdiger, influenciado pela teoria crítica da Escola de Frankfurt, se mostra favorável à interdisciplinaridade, condizendo com o pensamento de grande parte de pesquisadores brasileiros sobre o tema. Já Martino se encontra no campo abstrato, despontando a ausência de pesquisa empírica em seus trabalhos, principalmente, quando parte do conceito de consciência em rede, intrínseca às pressuposições de Nietzsche, refletindo na posição de poucos investigadores que avistam a Comunicação como possibilidade de disciplina. De toda forma, assinalamos que existe falta de clareza e consistência sobre a matéria, portanto,

permanecem dúvidas sobre qual caminho deve ser adotado para a busca do objeto da comunicação, pelo menos, nestas duas perspectivas.

PARADIGMAS: QUAL É O OBJETO DA COMUNICAÇÃO

Neste momento, incluímos os preceitos dos pesquisadores, aqui evidentes, aos pressupostos de Thomas Kuhn, com foco no conceito de *paradigma*. Ansiamos por novos saberes que arrançados em método investigativo poderão proporcionar a oportunidade de progredirmos na arena epistemológica da comunicação.

Em *A estrutura das revoluções científicas* Thomas Kuhn (1998, p. 13) define “paradigmas” como concretizações científicas reconhecidas e que fornecem, em dado período, para uma comunidade de pesquisadores, modelos de problemas e soluções. Esse entendimento sugere novas produções de investigações históricas ou sociológicas, como também seus gêneros e suas quantidades. O paradigma de Martino (2016, 160) se apresenta a partir de sua observação sobre o desenvolvimento do conceito de comunicação num sentido histórico, ou seja, jamais visto: a tecnologia intervém nos processos de comunicação social no século XIX, gerando uma esfera de experiência coletiva, que ultrapassa o plano interpessoal, constituindo um elo social singular. Sua base de reflexão é a formulação do conceito de comunicação como simulação tecnológica da consciência (mente humana).

Este paradigma proporciona uma definição de meio de comunicação que permite aprofundar a análise da tecnologia e o novo sentido de comunicação, fornecendo um quadro conceitual para abordar a significação dos meios na sociedade e na cultura contemporânea (MARTINO, 2016, p. 167).

Em conformidade com Rüdiger (2016, p. 21) para o avanço do estatuto epistemológico do termo comunicação devemos considerar a influência pelos interesses profissionais e mercadológicos, de um lado, e a reflexão política e histórica, de outro, essas posições, mesmo dialogando e se interferindo, são radicalmente distintas. Pois, sua compreensão em relação à estrutura e sentido das pesquisas de mídia pragmaticamente oferece ou define as tarefas do denominado campo acadêmico da comunicação. Segundo Kuhn (1998, p. 14) quando apresentamos a certeza de que cada revolução científica consegue demudar a visão da comunidade que dela desfruta, por conseguinte, essa alteração deve afetar completamente a composição das investigações promulgadas dessa ocasião, manifestada como tempo pós-revolucionário. Além disso, (KUHN, 1998, p. 15) assegura que o mesmo exemplo ilustraria a maneira pela qual as

condições exteriores às ciências podem influenciar o quadro de alternativas disponíveis àquele que procura acabar com uma crise propondo uma ou outra reforma revolucionária. Quando os cientistas consideram a ciência como uma reunião de fatos, teorias e métodos nos textos hodiernos, independente de terem obtido sucesso ou não, importa é que contribuam com elementos para alguma especificidade, conforme, Kuhn (1998, p. 20) esse desenvolvimento se transforma em um processo gradativo e através dele com a adição desses itens, de maneira isolada ou combinada, ao acervo sempre crescente, constitui maior conhecimento e técnica científicos. Segundo Martino, na ciência, uma disciplina deve ter sua própria personalidade, objetos e teorias. Tratar da comunicação como um campo interdisciplinar, formado na intersecção de outras disciplinas, significa derivar e não esclarecer a questão central a ser problematizada. Nesse sentido, a interação entre sujeitos não é exatamente um problema comunicacional para Martino, poderá sê-lo se a questão for elaborada sobre como os meios de comunicação compõem o comunicacional.

Disso nos dá prova contemporânea e local, o movimento que, entre acadêmicos, empolga a causa da epistemologia para, de maneira variada, é certo, tentar conferir à comunicação o *status* de ciência especializada e autônoma, derradeiro rebento do saber, ou então a caracteriza como experiência singular e única, para justificar a constituição voluntarista de uma espécie de ciência extraordinária (RÜDIGER, 2016, p. 32).

Conforme Kuhn (1998) a ciência simplesmente existe porque a observação e a experiência têm o poder e o dever de restringir o alcance das crenças que podem ser admitidas, mas que sozinhas não podem determinar um conjunto específico de semelhantes crenças. Martino (2016, p. 174) entende a epistemologia como intrínseca às ciências sociais, ela se apresenta como possibilidade de estabelecimento de um plano de afastamento crítico capaz de diferenciar o objeto empírico do teórico e este da reflexão epistemológica fazendo com que a teoria observada como processo e produção se materialize em reflexão. O autor justifica que a ciência, mesmo que fundada em algumas crenças, é diferente de outras formas de conhecimento, pois, sofre constantes revisões como construção coletiva, hipotética e provisória, mostrando determinado controle em relação à crença. Kuhn (1998, p. 23) considera como: “um elemento [...] arbitrário, composto de acidentes pessoais e históricos, é sempre um ingrediente formador das crenças esposadas por uma comunidade [...] numa determinada época”. A comunidade científica deve ter respostas seguras que resultarão em uma pesquisa eficaz.

“Que questões podem ser legitimamente feitas a respeito de tais entidades e que técnicas podem ser empregadas na busca de soluções?” (KUHN, 1998, p. 23).

Rüdiger (2018, p. 7–8) diz que Martino aspira que a área de comunicação tenha suas próprias teorias para fundamentar epistemologicamente a autonomia de um novo ramo científico. Sugere que tais teorias, embora ainda não existam, sejam criadas e distinguidas das que circulam nas ciências humanas. Kuhn (1998) justifica que é por esse motivo que uma nova teoria, por mais particular que seja seu lugar de aplicação, não é só um simples acréscimo ao que já é notório: “sua assimilação requer a reconstrução da teoria precedente e a reavaliação dos fatos anteriores. Esse processo intrinsecamente revolucionário raramente é completado por um único homem e nunca de um dia para o outro” (KUHN, 1998, p. 26). De acordo com Martino, é movimentando-se pela teoria (epistemologia) que a área (pesquisa) se consolidará como saber autônomo (ciência). De acordo com o pesquisador as teorias sobre o fenômeno da comunicação tratam da comunicação desde o ponto de vista de saberes que não seriam comunicacionais, ao originarem-se das demais ciências humanas. Teorias da área de comunicação seriam, ao contrário, estas que desenvolveriam um saber intrínseco ao campo acadêmico da comunicação. Isso pode ser feito, em acordo com Kuhn (1998, p. 30) se forem compartilhadas duas características essenciais: suas realizações devem ser suficientemente inovadoras para atrair partidários e, ao mesmo tempo, afastar os integrantes de uma atividade científica com formato diferente.

Para Martino (2016, p. 170) um dos resultados mais importantes dessas pesquisas é entender que a questão epistemológica da área está formulada por um paradigma que ele denomina de modelo do quebra-cabeça. Segundo Kuhn (1998) o comprometimento com a prática de padrões e regras científicas baseiam-se nos paradigmas compartilhados. Martino (2016, p. 170) continua sua argumentação dizendo que sem a análise sobre o “encaixe epistemológico” das diversas “peças teóricas”, os céticos e os defensores da interdisciplinaridade se apoiam na mesma conclusão da impossibilidade de uma síntese. A maturidade no desenvolvimento de campos científicos é sinalizada pela aderência a um paradigma que permite um modelo de pesquisa distinto. Em conformidade com Kuhn (1998, p. 35), a História indica da mesma maneira algumas razões para os percalços existentes durante essa jornada. Todos os fatos se fazem importantes no desenvolvimento de certa ciência quando não tem a presença de um paradigma ou candidato ao posto de paradigma. As primeiras coletas de

fatos se constituirão como atividade do acaso em comparação a outras desenvolvidas pela familiaridade da ciência. “Além disso, na ausência de uma razão para procurar alguma forma de informação mais recôndita, a coleta inicial de fatos é usualmente restrita à riqueza de dados que estão prontamente a nossa disposição” (KUHN, 1998, p. 35). Rüdiger (2018) aponta que a reflexão epistemológica é consenso em relação à característica interdisciplinar na área acadêmica da comunicação. O avanço e aceitação das pesquisas da área não foram impedidos e continuam se multiplicando. Do ponto de vista do autor a comunicação engloba um conjunto de fenômenos cujo estudo é interdisciplinar e que a Comunicação é um nome que se dá a um conjunto de fenômenos não é propriamente comunicacional. As diferenças é que faz uma área prosperar é isso que coloca interesse àqueles que querem pensar, que ambicionam conhecer num certo domínio de conhecimento. O confronto de ideias, a exposição de argumentos, a pesquisa séria, é isso, de acordo com Rüdiger, que tem surgido cada vez mais na área de comunicação motivando a continuidade em apostar nas suas perspectivas.

Martino (2016, p. 177) diz que para a existência de uma reflexão epistemológica é necessário o estabelecimento de um diálogo entre as diferentes tendências. O pesquisador afirma que a primeira função do objeto de estudo é a articulação entre as diferenças e a disciplina, desse modo, quando uma corrente se desenvolve, ela provoca a reação de outras. O objeto de estudo é o vértice das diferenças, o “algo” a partir do qual a diversidade é afirmada, não como ruptura, indiferença, mas estabelecendo relações de reciprocidade e complementaridade crítica. Em conformidade com o autor, sem isso, teríamos apenas um caos de opiniões isoladas, que se multiplicam e se acumulam com os autores ou com os objetos de pesquisas particulares. De acordo com Kuhn (1998, p. 37) os mesmos fenômenos particulares podem ser descritos e interpretados diferentemente por homens diferentes que confrontam essa mesma gama de fenômenos, isso nos instantes iniciais da desenvoltura de qualquer ciência. “É surpreendente (e talvez também único, dada a proporção em que ocorrem) que tais divergências iniciais possam em grande parte desaparecer nas áreas que chamamos ciência” (KUHN, 1998, p. 37).

Certos fatores, segundo Martino (2004) estiveram presentes na argumentação daqueles que discutem a fundação do campo comunicacional: a abundância dos processos comunicacionais; a incontestável importância de seu estudo; a urgência de seus propósitos. O autor afirma que estas condições tiveram um papel decisivo para sua

rápida aceitação e institucionalização, malgrado o precário estado de sua fundamentação teórica. Chegamos a uma fase na qual o saber comunicacional não pode mais se impor como uma evidência e não se pode mais procrastinar a discussão de seus alicerces, sem correr o risco de cair sob o peso de inúmeros trabalhos incoerentes e incontáveis problemáticas. “O novo paradigma implica uma definição nova e mais rígida do campo de estudos. [...] Aqueles que não desejam ou não são capazes de acomodar seu trabalho a ele tem que proceder isoladamente, ou unir-se a algum grupo” (KUHN, 1998, p. 39).

A área da comunicação como temos conhecimento, é um campo novo⁸ que se desenvolveu após a II Guerra Mundial, cerca de 30 anos depois chegou ao Brasil, e ainda hoje, revela em seus fundamentos e organização diversos problemas que se refletem nas contestações que fazemos em relação à sua instituição. Sabemos que esse debate se estende por várias partes do mundo, por exemplo, sua contenda, tanto nos Estados Unidos, quanto na Europa, no que se refere à Comunicação⁹, indaga se ela seria um campo ou uma disciplina, já no Brasil, como também na América Latina, os termos da disputa, normalmente, se encontram entre à interdisciplinaridade, apoiada pela maioria, argumentando que a Comunicação possui uma natureza interdisciplinar, o que inviabiliza o seu empreendimento, e a disciplinaridade, apoiada pela minoria, observando uma falta de fundamentação teórica e metodológica existentes na proposição interdisciplinar, alegando não existir quaisquer impedimentos para se constituir como uma disciplina.

CONSIDERAÇÕES

Observamos no percurso de nosso trabalho que a polêmica inerente aos estudos na comunicação e o que pertence aos estudos da comunicação, por um lado (os estudos na comunicação) pretende se fechar para buscar tal objeto comunicacional restringindo-se às questões intrínsecas à área e não da própria área. O segundo (os estudos da comunicação), ao contrário, utiliza-se da comunicação através do empirismo para dela se servir e de sua prática igualmente. Percebemos que essas junções não estabelecem o objeto comunicacional e não conseguem se aproximar do mesmo. Será que outras disciplinas bloqueiam essa busca desenfreada pelo objeto da comunicação? Em nosso

⁸ Ver: Renato Ortiz (1988).

⁹ Ver: Robert T. Craig (1999 e 2008) e Craig Calhoun (2012).

ver, o problema de fundo com todas essas ideias estão em supor que formulações abstratas são o bastante para fundar uma nova disciplina científica.

Martino mostra-se repetitivo em seus discursos, justificando suas pretensões a partir de argumentos redundantes. Como sugestão, o autor poderia transformar sua praxe de criticar indireta e concomitantemente a todos que enxergam a Comunicação como interdisciplinar e fazer suas críticas aos colegas epistemólogos, separadamente, dessa forma, poderia impetrar novas direções no interior de suas pesquisas e provavelmente atingir seus objetivos. Pois, aguçando o potencial reflexivo do autor(a) por ele criticado(a), conseqüentemente, estaria iluminando por meio dessas discussões outros conceitos que respeitam a temática comunicacional. Mas isso poderia implicar naquilo que ele se afasta, a interdisciplinaridade, pois, ao mesmo tempo, em que se faz críticas a autores diversos, também adere a novos conhecimentos e distintos seguimentos dentro da comunicação. Por outro lado, Rüdiger critica vorazmente inúmeros pesquisadores da comunicação, parece não se encontrar no núcleo que pesquisa, contestando diversos epistemólogos da comunicação se caracteriza realmente como interdisciplinar, poderia seguir o inverso do que propomos para Martino, enquanto aquele poderia seguir caminhos complexos, este poderia se concentrar em sua especificidade. Os textos dos autores, aqui abordados, referentes à epistemologia da comunicação, mesmo que em parte se dirija a outros epistemólogos, nos parece muito mais com uma troca de farpas entre os dois, defendendo seus alicerces acadêmicos os quais são importantes para os estudos da comunicação, mas não são absolutos. Rüdiger estreita e Martino amplia (suas investidas), uma inversão de posturas, quem sabe não suscitaria numa troca de valores resultando em novas bases epistêmicas para a Comunicação.

A Comunicação, enquanto caracterizada como interdisciplinar, apenas ocupa os espaços que lhe são proporcionados e disponíveis se fazem, isso não significa ser tautológica, seus resultados obtidos são diversificados, portanto, ela não tem a intenção de tudo ser, simplesmente desloca-se por vias desimpedidas, capazes de oportunizar premissas variadas que, por conseguinte, viabilizam diferentes resultados, não constituindo a mesma coisa, tomando e trilhando o que é considerado empírico, teórico, pragmático, assim, resultando sua práxis. Em vista disso, assumimos que o campo é variado, carece de delimitações, mas sem sermos totalitários. A epistemologia não serve para determinismos práticos ou teóricos que sejam capazes de direcionar o pesquisador

num único sentido, isso não significa avanço, mas retardamento. Pois, seriam mais férteis as discussões se absorvidas como artefatos utilizáveis, não apenas ao acaso, mas como possíveis soluções para caracterizar a epistemologia por meio da *práxis* e não do totalitarismo “ciência pela ciência”. Forçar uma comunidade à aceitabilidade de um objeto não é o mesmo que o objeto ser aceito pela comunidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. A. **A estrutura das revoluções científicas de Kuhn: uma breve exposição.** Griot: Revista de Filosofia, Amargosa - BA, v.20, n.1, p.173-192, fevereiro, 2020.

BALDUÍNO, K. S. **A necessária epistemologia. O problema do objeto e a dispersão teórica do campo comunicacional.** Tese (Doutorado em Comunicação). UNB, 2019.

BOAVENTURA, K. T.. **A Comunicação e a Perspectiva Interdisciplinar: um mapa de definições, usos e sentidos do termo.** Tese de Doutorado, UNB, 2014.

BOAVENTURA, K. T. e VARÃO, R. **Uma bifurcação na estrada: Robert Craig, Luiz C. Martino e a fundamentação do campo da Comunicação.** Compós, UFG, 2016.

CALHOUN, C. **Comunicação como Ciência Social (e mais).** Intercom – RBCC São Paulo, v.35, n.1, p. 277-310, jan./jun. 2012.

CHIBENI, S. S. **Kuhn e a estrutura das revoluções científicas.** IFCH. UEC. www.unicamp.br/~chibeni (Notas de aula elaboradas em 1990 e revisadas em 2004 e 2020).

CRAIG, R. T. **Communication As a Field and Discipline.** In: DONSBACH, Wolfgang (ed). *The International Encyclopedia of Communication.* Blackwell Publishing, 2008.

CRAIG, R.T. **Communication Theory as a Field.** In: *Communication Theory*, 1999.

DEL BIANCO. N.R., LOPES, R. S. (orgs). **O campo da comunicação: epistemologia e contribuições científicas.** São Paulo: Socicom Livros, 2020.

DEL VECCHIO DE LIMA, M. e SILVESTRIN, C. B. **As razões e os limites para se estudar a comunicação.** Revista Ação Midiática, UFP, 2015.

GENARO, E. **Entre Teoria da Comunicação e Teoria da Mídia? Uma leitura crítica de Francisco Rüdiger.** Revista de Comunicação e Epistemologia da UCB, Nº 8, 2011.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas.** Editora Perspectiva, 1998.

LOPES, M. I. V. (orga). **Epistemologia da comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas.** São Paulo: ECA-USP, 2016.

MARTINO, L. C.. **História e identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional.** 1ª edição, revista eletrônica e-compós, 2004.

MARTINO, L. C. **Epistemologia da Comunicação.** Disponível em: <https://gtepistemologiacom.wordpress.com/recolocar-a-recepcao/luiz-claudio-martino/> Acesso em: 06/07/2021.

MARTINO, L. C. **Sobre o conceito de comunicação: ontologia, história e teoria.** Revista de Epistemologias da Comunicação. Vol. 7, no 14, julho-dezembro/2019.

MARTINO, L. C. **Epistemologia da Comunicação: um percurso intelectual.** In Epistemologia da comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas. S. P.: ECA-USP, 2016.

MARTINO, L. C. (org.). **Teorias da Comunicação: Poucas ou Muitas?** Ateliê: S. P., 2007.

ORTIZ, R. **A Moderna tradição brasileira: Cultura brasileira e indústria cultural.** S. P.: Brasiliense, 1988.

RÜDIGER, F. **Advocacia epistemológica desempoderada: a ciência da comunicação segundo Luiz Claudio Martino.** E-compós, Brasília, v.21, n.2, maio/ago. 2018.

RÜDIGER, F. **Campo minado – sobre os princípios fundacionais da epistemologia da comunicação.** Galáxia (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 38, mai-ago. 2018, p. 71-83.

RÜDIGER, F. **Ciência, reflexão e crítica nos estudos de mídia.** In Epistemologia da comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas. São Paulo: ECA-USP, 2016.

RÜDIGER, F. **As teorias da comunicação.** Penso: Porto Alegre, 2011.

RÜDIGER, F. **Comunicação e teoria social moderna.** Porto Alegre: Fênix, 1995.

SAAD, E, TRINDADE, E. e FIGARO, R. **Os olhares do Outro sobre as trajetórias e autorreflexões em comunicação.** In Epistemologia da comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas. São Paulo: ECA-USP, 2016.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Lisboa: Editorial Presença, 1995.